

SONIA SIQUEIRA E OS ESTUDOS INQUISITORIAIS

Entrevistador: Carlos André Cavalcanti

Sæculum: A senhora tem uma contribuição historiográfica imensa para a historiografia da Inquisição, da qual é a fundadora. Poderia nos contar um pouco da sua trajetória? Quais foram as pessoas e leituras que determinaram o seu modo de ver a história?

Sonia Siqueira: A primeira questão que nos foi proposta diz respeito à nossa escolha intelectual pela História. Seu desdobramento implica num desenterrar de lembranças. A opção pela História que guiou nossa trajetória intelectual obriga recorrer à memória. Esta nos traz o que foi marcadamente decisivo para definições: a sensibilidade e a consciência do Outro. Sentimentos e espiritualidade foram alimentados pela literatura e pela música. A consciência do dever fraterno abria o caminho para o magistério. Consciente ou inconscientemente buscávamos a compreensão da vida em sua gênese e no seu *escaton*. A História deu as respostas oferecendo um meio para o conhecimento. No magistério um veio de compartilhamento. O desafio estava posto: aprender para compreender e ensinar. Nada acontece por acaso. A conjugação de circunstâncias nos puseram diante de dois mestres cujo conhecimento foi fundamental quando ensaiávamos os primeiros passos nos domínios de Clio: o grande educador Fernando de Azevedo cuja obra nos encantou pelo vigor do seu conteúdo expresso na beleza clássica de seu estilo de escritor, nas propostas inovadoras da Escola Nova, na preocupação de servir ao país e à cultura abrindo a todos uma visão totalizadora da vida histórica do Brasil, levantando problemas civilizacionais. Já no campo da História foi fundamental em nossa formação o convívio com o professor Eduardo d'Oliveira França que teve a intrépida paciência de destruir gradativamente a nossa ignorância do conhecimento histórico bem como de nos desvendar a importância da vida como em todo. Da nossa vida e da vida de outrem. Para além de sua cultura, fundamental foi seu exemplo de integridade intelectual, de humanista cristão, de generosidade e tolerância sem permitir que flexibilidades toldassem suas convicções ou distorcessem sua conduta. Discípulo dos professores franceses que deram vida à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, de grandes historiadores como Lucien Febvre e Fernand Braudel, o professor França foi responsável pelo alargamento da visão da História em seu trabalho fundamental sobre o poder real em Portugal e as origens do absolutismo e Portugal na época da Restauração. Sob sua orientação adentramos na historiografia francesa que a partir da primeira geração dos *Annales* e das outras gerações subsequentes revisaram conceitual e metodologicamente a História. Como orientador de doutorado foi o prof. França responsável por nos despertar o interesse pela história do Brasil, pela convicção que nela é que poderíamos contribuir e pela urgente necessidade de visitar essa história sem cortes do passado ibérico. As grandes abordagens de um Chaunu, de um Braudel, de um Le Goff, de um Delumeau de um DUBY e de Burckhardt foram completadas pela valorização da imagem como testemunho, resultante, ressaltando-se aqui o trabalho fundamental de Émile Mâle, centrado nos domínios da arte. Mas nesse

caleidoscópio de temas e abordagens a síntese pela conexão do tradicional com o novo e o que se estava inovando, no apreço pelas fontes tradicionais e a busca de fontes novas, no amor pelo acontecimento, na identificação com a História avulta, isoladamente, a figura em nosso entender do maior historiador dos tempos atuais, Lucien Febvre. Crítico da história historicizante não em relação aos fatos em si, mas pelo modo com que certos historiadores reverenciam os fatos dentro da História a ponto de não conseguir ultrapassar sua dimensão. Diz ele: “a história historicizante pede pouco como também a história ideologicamente delimitada”. Pioneiro em delimitar horizontes “as suas estruturas mentais eram suficientemente generosas e abertas para olhar com indisfarçável entusiasmo o sopro dos ventos renovadores. Teve verdadeira obstinação pelo arejamento das coisas novas sem contudo, em momento algum, fechar os olhos para as contribuições herdadas do passado”. São palavras de Braudel. Seu lema norteador foi “A história é o homem”. Na busca de compreendê-lo e de reconstituir a vida pregressa encaixam-se duas obras primas de sua larga contribuição historiográfica, *O problema da descrença: A religião de Rabelais* (1927) e *Um destino, Martinho Lutero* (1942). Entre seus escritos convém destacar a atenção por momento dada ao Santo Ofício que resultou no seu trabalho *Notes et documents sur la Réforme et l’Inquisition en Franche Comté* (1912). Ao historiador pede, antes de mais nada, que compreenda as coisas da História: as coisas tem uma razão de ser ou de ter sido. Na busca da compreensão da vida teve aguçada sua sensibilidade religiosa que reponta em vários escritos. Criador da História das Mentalidades valorizou a utensilagem mental. Seus princípios intelectuais e suas obras foram e são de irrevogável fecundidade para a História e o novo Humanismo de nossos dias.

Sæculum: A historiografia brasileira sobre inquisição cresceu muito desde a sua publicação das *Confissões da Bahia* de 1618. Passados 50 anos deste livro pioneiro, como a senhora avalia a historiografia brasileira sobre o assunto?

Sonia Siqueira: A descoberta da amplitude do testemunho histórico que a documentação do Santo Ofício guarda é responsável pela diversificação da abordagem que tem marcado as pesquisas sobre a Inquisição. Em termos de Brasil, a partir dos trabalhos pioneiros de Anita Novinsky, de José Gonçalves Salvador e do nosso próprio voltados para a história institucional com ênfase nos processados pelo Tribunal os estudos tem sido centrados numa concepção rankiana da história em torno da valorização e divulgação dos documentos. Seguiram-se estudos que deram destaque ao político-religioso, jurídico e principalmente de cunho etnográfico e social. Do ponto de vista ideológico e metodológico há de se destacar duas coisas: a pertença dos autores ao campo da História vista através da própria cosmovisão responsável por maior ou menor receptividade à tolerância e um novo Humanismo. Em outra vertente a inclusão de trabalhos de pesquisadores voltados para a História Cultural e para a Antropologia Cultural principalmente. Raras tentativas de uma história totalizante do Santo Ofício no mundo colonial. As dificuldades se fazem presentes por ainda vivermos em compasso de espera de uma História do Brasil mais ampla, só possível depois de reescrita a história regional do país. A micro especialização tem tido seu papel. Quanto à instituição inquisitorial hoje já

se conta com estudos sobre seus integrantes como os Familiares e os Promotores e algo sobre os Inquisidores. Ainda por explorar a incomensurável documentação contida no Arquivo da Torre do Tombo, bem como os documentos da Inquisição Espanhola na América que permitem recompor as relações coloniais no mundo ibérico. Há ainda de se levar em conta a documentação sobre a processualística do Tribunal português que vem sendo realizada pelo Grupo de Pesquisa *Officium*, da Universidade Federal da Paraíba sob nossa orientação e a dos professores Carlos André Cavalcanti dessa Universidade e Angelo Assis, da Universidade Federal de Viçosa.

Sæculum: Um debate forte entre os historiadores da inquisição ainda é sobre a intencionalidade dos inquisidores. Afinal, podemos dizer que os inquisidores agiram de forma monstruosa ou eles viveram o seu momento histórico?

Sonia Siqueira: O estudo da figura dos Inquisidores na sua utensilagem mental e na sua vivência como “homem de ofício” apenas começou. Campo de análise delicado por abranger desafios à difícil objetividade do historiador voltado para o Passado. A grande ameaça é a crônica transposição da mentalidade do Presente sobre o Passado desaguando muitas vezes em julgamentos e intolerâncias. Não se pode pedir aos homens de outros tempos que tenham agido e pensado como nós hoje em dia pensamos e agimos. Certo, os Inquisidores foram suscetíveis ao seu entorno, mas há de se lembrar de sua individualidade, de sua psicologia, das estruturas antepostas à sua condição humana. As explicações só podem ser relativas, nuançadas, portanto. E sempre provisórias.

Sæculum: A senhora acaba de lançar o livro *O Momento da Inquisição*¹ pela Pós-Graduação em História da UFPB e pelo Grupo *Officium*. De que trata este novo lançamento?

Sonia Siqueira: *O Momento da Inquisição* é novo lançamento de um trabalho antigo cronologicamente falando. Foi nossa tese de doutoramento calcada em exaustiva frequência à documentação que se estendeu por longos sete anos. Reflete nossa preocupação em situar o Tribunal na cultura do tempo. Nesta preocupação foi por em relevo um de seus aspectos fundamentais, a religião. Foi escolhido um caminho explicativo sem que se ignorasse sua inserção no plano da política, das ideias e dos sentimentos. Não obstante a ênfase fosse dada à estrutura da Inquisição. O trabalho parece-nos ainda válido pela síntese que realiza sobre os anos iniciais do Santo Ofício. Tem omissões, principalmente no campo das ideias com a ausência da análise da censura ou de documentos extremamente importantes para a compreensão da espiritualidade vigente quer no âmbito popular, quer no intelectual expresso nos Sermões dos Autos de Fé. O corte temporal – séculos XVI-XVII – fala de uma fase do Santo Ofício, não permitindo generalizações. No entanto compreender Portugal nos primeiros anos da Modernidade parece-nos fundamental para entender o Brasil colônia.

¹ SIQUEIRA, Sonia. *O momento da Inquisição*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

Sæculum: Outra contribuição historiográfica importante sua é para a história dos jesuítas. Como a senhora vê a presença dos jesuítas na história do Brasil?

Sonia Siqueira: Parafrazeando o padre Serafim Leite, sem os jesuítas não haveria Brasil. Apenas lembraríamos da quebra da exclusividade da afirmação ao acrescentar a presença dos cristãos novos também fundamental para a inclusão da Colônia no mundo ibérico. Do ponto de vista do intelecto e da espiritualidade através do ensino, da doutrinação e da catequese, bem como do zelo pela conservação da Cristandade os filhos de Santo Inácio foram fundamentais. A flexibilidade relativa na orientação dos comportamentos dos neoconvertidos, a adesão à língua geral foram fatores decisivos na Colônia. Sem desvios morais ou doutrinários as considerações sobre o papel desempenhado pelos loyolanos no processo educativo do Brasil não visaram dissociá-los de um universo maior, o mundo ocidental e de um modo específico de viver a espiritualidade cristã, o jesuítico. A posição mental dos jesuítas reflete o estado de espírito dominante nas universidades e congregações religiosas dos séculos XVI, XVII e XVIII. E estas eram produto do clima cultural vigente embora com ele se integrassem. O reino era concebido como um corpo místico, com base nas doutrinas de Suarez, unificação da vontade de todos os subordinados à figura mítica do rei. A um idade política alicerçava-se numa idade da fé e no Brasil, empresa dos filhos de Santo Inácio, buscavam-se preservar a ibericidade dentro dos ideais universais da Instituição. O ensino, principal meio de ação procurava controlar a vontade e a liberdade individuais. A pessoa humana deveria ter desenvolvimento harmonioso e era essa a principal finalidade da educação dos inacianos. Toda a educação se processava através de preceitos, estilo e erudição, bem como das técnicas de falar e escrever. A prática educacional impôs nos primeiros tempos as exigências da catequese com as flexibilidades exigidas pelo meio a ser estruturado e da identidade a ser construída. Identidade cristã e brasileira. A integração do novo povo passava pelo ensino. Rupturas no processo se fizeram sentir principalmente no norte do país após a extinção da Companhia por Pio VII e a sua expulsão do país no século XIX. Restaurada a Companhia houve um “aggiornamento” da educação jesuítica aos novos tempos preocupada não obstante com o ateísmo e o agnosticismo. Propõe-se contribuir “com todas as forças para formar a tempo a mentalidade da sociedade futura e educa-la no respeito a Deus e plenitude de Cristo. Buscava-se na escola formar homens cultos e apóstolos cristãos. Aos não cristãos restava oferecer uma formação humana orientada ao bem comum. Os tempos eram difíceis. Vivia-se o momento da escola pública que avocava a si a promoção do Progresso e este da Ordem com que se pretendia salvar a nação. Solidificava-se o mito político da demiurgia educacional. A importância da Companhia na educação permaneceu com diretrizes fixadas em dois documentos: Características da educação da Companhia de Jesus e Pedagogia Inaciana uma proposta prática promulgada pelo Superior da Companhia, padre Peter Hans Kolvenbach aos 8 de dezembro de 1986 e 3 de julho de 1993, respectivamente. Esses documentos contem uma convocatória para participação dos problemas da comum idade e a busca de conversão. A Companhia de Jesus depois do Concílio Vaticano II alinha-se em suas orientações educativas, incitando à renovação do apostolado educacional em

consonância com as mudanças do mundo, agora globalizado. O Geral Pe. Arrupe definiu a identidade, o âmbito, o rumo e a configuração dos colégios jesuíticos na educação para a justiça. A educação visa a crítica lúcida da validade de contrastes, conflitos e antagonismos. Pensar a realidade social não a partir do indivíduo, mas do Outro. A experiência carismática da Companhia revive pelos séculos. De um lado a busca pela excelência das obras *ad majorem Dei gloriam*, de outro a opção pela justiça. O paradigma pedagógico inaciano repousa na defesa da liberdade como condição de ordenação da própria vida. A obtenção da liberdade redundando na ação: na busca de ordenar a si próprio e à sociedade. Servir significa opor-se à dominação, à submissão do Outro. Liberdade, se exercitada, projeta-se no afetivo que, dominado, liberta o intelecto.

A visão inaciana atual preocupa-se em precisar com clareza “o que é ser homem” para a pedagogia jesuítica: um ser no mundo com o qual se relaciona pela técnica, um ser como os outros, convivendo numa relação de reconhecimento recíproco. No mesmo indivíduo se interpenetram sua pessoalidade e a sua socialidade: a pedagogia inaciana facilita o trânsito dialético do *eu* para o *nós somos*. Este sentido atual da educação nos institutos jesuíticos mostra a atualização do pensamento e das práticas pedagógicas que respondem aos desafios do meio e do século. Desafios e também vem sendo buscados solucionar na concepção laica e democrática instalada na escola pública. Apenas na visão educacional dos loiolanos não só os conhecimentos devem ser valorizados, mas principalmente a qualidade das pessoas e a necessidade de transformação pessoal e da sociedade humana. Esta passa por uma pedagogia que visa à formação do ser humano integral para que ele possa ser para o outro.

Saeculum: Sua paixão pela música a tornou uma pioneira no uso da música como fonte para a História. Aproveitando esta constatação, gostaríamos que avaliasse o avanço do uso de fontes menos tradicionais pelos historiadores brasileiros. Referimo-nos à própria música, ao sentimento, à História Oral – que a senhora também utiliza – e a tantas outras.

Sonia Siqueira: A legitimidade do uso da canção como fonte documental está justificada pela ampliação desde meados do século passado dos recursos de que se serve o historiador sempre em busca da compreensão do homem total, preocupado em fugir da coerção da objetividade positivista. A música com o linguagem é a expressão de um tempo, de um espaço, da maneira pela qual os homens se situam. Do ponto de vista emocional é veículo catártico de sonhos, frustrações, ambições, desencontros, desesperanças. A canção assume a singularidade própria de seu autor e de seu universo cultural. A música, sobretudo a popular pode ser compreendida como parte de novas condições do trabalho do historiador. A música está fundamentalmente no universo da sensibilidade. Explorá-la é possível com o recurso teórico ao campo das consciências e dos sentimentos, na trilha proposta por Georges Gusdorff e Philippe Lejeune que abriu caminho para uma história intimista. A História tem-se voltado para a cultura popular nela buscando além da coerência a expressão da resistência dos oprimidos em tempos delimitados. Nível de cultura quase todo alocado no homem comum, esse personagem anônimo

que raramente surge na história mas que vive um cotidiano onde também cabem revoltas, necessidades e sentimentos. E que se fez ouvir pela música. No caso da canção o foco se desloca para duas instâncias: a linguagem poética e a linguagem musical que embora interligadas podem ter estudos separados, sem prejuízo da validade do testemunho final. Campo de trabalho apenas iniciado contendo muitos possibilismos para enriquecer o conhecimento da vida individual e coletiva. Nossos estudos tem-se voltado para a análise da canção popular de Buenos Aires – o tango – que oferece inúmeras faces para elaboração da História. Apenas para exemplificar, a ligação da música com a cidade. Em uma abordagem transdisciplinar abrigando conceitos originariamente geográficos (território, territorialidade, desterritorialização) introduz na história urbana nova fonte de conhecimentos através da música. Nesta perspectiva duas plataformas essenciais se delineiam na busca da compreensão de Buenos Aires dos fins do século XIX às primeiras décadas do XX a paisagem humanizada de uma urbe que cresce e se transforma com suas ruas, seus becos, seus bairros, seu solo, suas umidades, seus espaços tomados e vazios, seus cafés, seus bares, suas casas de encontro, enfim tudo o que compõe o seu panorama. Em segundo lugar sua conformação moral, seu conjunto de relações sociais, seus costumes, suas tradições, seus empréstimos culturais, suas recusas, suas destruições. A cidade enquanto geografia e enquanto cultura, sabendo-se porem que a relação física e a realidade humana se compenetraram indissolúvelmente e mutuamente condicionam. Das múltiplas faces da vida da cidade o Tango dá o testemunho bem como da definição de um estilo de vida. É o único cancionista popular do mundo capaz de contar e difundir o drama da existência humana, capaz de chegar onde ninguém chega para depois contar o ali vivido e ver o de sempre a partir de algum ângulo que a ninguém tenha ocorrido. Os espaços – dos arrabaldes os subúrbios – o convívio, lenta metamorfose do homem para-rural ao urbanita estão contidos na linguagem do tango, produto sociocultural da cidade que fala da rebeldia, do sentimento de solidão. O tango atravessou os anos e ficou “como um pregão evocativo diante da imutabilidade do Passado e o fatalismo do Tempo” inserindo-se definitivamente na alma do povo. Um modo de sentir a vida, de expressar os sonhos, de contar fracassos, de interpretar o drama existencial. Ontem e hoje. A redenção ao Tempo, para além da sua cidade-berço é explicada por Borges pela música conter “imagens da alma recortadas como silhuetas no acontecer do Tempo. Nas suas letras está o conflito existencial do homem, os desvios da alma, a solidão, a pena, a tristeza, isto é, a Vida”.

Sæculum: A senhora vivenciou a influência francesa na USP muito proximamente. Gostaria de comentar o papel da historiografia francesa e da USP para a historiografia brasileira como um todo?

Sonia Siqueira: A Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo teve moldada sua posição no campo da História pela missão de professores franceses que marcaram sua gênese. Missão pedagógica, pois a maioria era de professores, veio transmitir o conhecimento enquadrando-o na missão da docência e da pesquisa, escopo fundamental da criação da Faculdade.

As gerações subsequentes assimilaram através dos herdeiros da cultura histórica

francesa para aqui trazida a mesma linha de trabalho intelectual sempre revisitada sob o estímulo das revisões do pensamento histórico das sucessivas gerações dos Annales. Atualmente apesar da aceitação dos contributos da historiografia inglesa, italiana e ibérica o peso da École de Chartres e da Sorbonne se faz sentir pelos caminhos alargados da pesquisa após a queda das barreiras interdisciplinares. A aproximação de campos como o da Geografia Cultural, da Literatura, da Antropologia Cultural, da História das Religiões, da História dos Sentimentos e dos Ressentimentos continua a ser feita observados os modelos franceses. O mesmo se pode dizer da orientação proposta aos pesquisadores interessados no contemporâneo quando se põem as questões da História do Presente e da História do Imediato.

Sæculum: Pode parecer um chavão, mas precisamos perguntar-lhe: o que a senhora aconselharia a um jovem estudante que está começando a carreira de historiador agora?

Sonia Siqueira: Fazer História é compreender a Vida e o Homem temporal e atemporalmente. É acreditar na continuidade, na superação da finitude, no alargamento da consciência, na recusa às radicalizações. Nesse sentido o melhor nos parece ser a reprodução das palavras de Lucien Febvre dirigidas a jovens pesquisadores da história: “Para fazer História virai decididamente as costas ao Passado e vivei primeiro. Misturai-vos à vida. A vida intelectual, sem dúvida, em toda a sua variedade. Historiadores, sede geógrafos. Sede juristas também, e sociólogos e psicólogos; não fecheis os olhos ao grande movimento que, perante vós transforma num ritmo vertiginoso as ciências do universo físico. Mas vivei também uma vida prática. Não vos contenteis em contemplar da orla, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria. No barco ameaçado não sejais como Panurgo se sujando de puro medo, nem mesmo como o bom Pantagrueu contentando-se, amarrado ao grande mastro, em implorar, levantando os olhos ao céu. Arregaçai as mangas. E ajudai os marinheiros na faina. E isto é tudo? Não. Não é mesmo nada se deveis continuar separando a vossa ação do vosso pensamento, a vossa vida de historiador da vossa vida de homem. Entre ação e o pensamento não há separação. Não há barreira estanque. É preciso que a História deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde perpassam apenas sombras despojadas de substância. É preciso que, ardentes de luta, ainda cobertos de poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido, penetreis no velho palácio silencioso onde ela dormita, e que, abrindo as janelas de par em par, reacendendo as luzes e reanimando o barulho, acordeis com vossa própria vida, com a vida quente e jovem, a vida enregelada da princesa adormecida”.

